



O vermelho e o negro: entre a ficção e a realidade

Maria Luiza Guarnieri Atik¹

Stendhal era o pseudônimo de Marie Henri Beyle, que se notabilizou como romancista e crítico. Nasceu no interior da França, em Grenoble, em 1783 e faleceu em Paris, em 1842. Quando eclodiu a Revolução de 1830, Stendhal tinha apenas seis anos de idade. Sua família burguesa, abastada e reacionária deixa Grenoble para se estabelecer em Paris. Na época, Stendhal tinha dezesseis anos e chega a Paris logo após o golpe de Estado de Napoleão, momento de grande transformação política e conturbação social. Graças à proteção de um parente influente, Pierre Daru, Stendhal consegue o cargo de funcionário administrativo. Mostra-se competente em seu ofício e um organizador de grande confiança. Com a queda de Napoleão sua brilhante carreira administrativa chega ao fim. Sente-se profissionalmente desamparado e sem perspectivas.



De uma família abastada, Stendhal vê, aos poucos, suas condições econômicas se agravarem; “em 1821 é expulso pela polícia de Metternich da cidade de Milão, onde havia se instalado num primeiro momento; vai a Paris e ali vive durante nove anos, sem profissão, sozinho, com meios muito parcos. Depois da Revolução de Julho, os seus amigos lhe conseguem um posto no serviço diplomático” (AUERBACH, 2007, p. 411). Estabelece-se como cônsul na pequena cidade portuária Civitá Vecchia, onde adoece seriamente. Retorna a Paris e é acometido por um ataque de apoplexia, no meio da rua, vindo a falecer aos 60 anos de vida.

Esse breve esboço da vida de Stendhal pretende mostrar como ele toma consciência de si mesmo e da realidade que vivencia. Sua brilhante carreira administrativa fica para trás. Assim, como um homem sozinho e de poucos recursos, inconformado com a situação política e sentindo-se diferente dos demais, busca um porto seguro. O ofício de escritor ou a literatura de cunho realista nasce do seu mal-estar no mundo pós-napoleônico, como afirma Auerbach.

Nas palavras de Antonio Candido,

Uma das coisas mais patética na história da literatura foi a porfiada busca de felicidade a que se aplicou Stendhal, - sempre frustrado em tudo a que aspirou. Passou quase obscuro pela vida, enganado ou repellido pelas mulheres, incompreendido pelos amigos, menosprezado pelos governos [...] Era tímido e ambicioso, materialista e sonhador, aristocrático e liberal. Gostava

¹ Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie e do Curso de Letras do Centro de Comunicação e Letras (CCL/UPM)

da vida alegre, mas não perdia de vista a iniquidade política; ante os poderosos, passava da irreverência à submissão [...]. Era contraditório, [...], e desenvolveu um pudor extremo que o levava a dissimular o Eu, dando frequentemente impressão desfavorável de cinismo e grosseria de sentimentos, - ele, cuja sensibilidade de arminho foi revelada por seus escritos pessoais (1978, p. 143).

Para Antonio Candido, separar Beyle de Stendhal ou falar de uma vida dupla seria pouco exato. Em Beyle e Stendhal se manifestariam respectivamente a fragilidade do homem e a força do escritor. Quando muito poderíamos afirmar que “há momentos em que Beyle se impõe demasiado, com prejuízo do escritor total”; por outro lado, para o pseudônimo Stendhal, a vida torna-se matéria do seu trabalho artístico. A realidade age como um pretexto para o desdobramento crítico de uma nova história. Assim, vida e obra passariam a se integrar de forma complementar. Nas veias do binômio Stendhal-Beyle “se misturam sangue e tinta de escrever, justificando a vida pelos escritos e escrevendo para suprir a vida” (CANDIDO, 1978, p.144).

A obra romanesca de Stendhal se situa em um momento da história em que o gênero “romance”, vai se afirmar em sua especificidade. Stendhal, contudo, era incapaz de inventar uma situação romanesca fictícia. O seu culto à experiência, à constatação dos fatos, levou-o a buscar sempre como fonte de inspiração os acontecimentos concretos: o processo Berthet, ocorrido em 1827, representa a principal fonte de inspiração para o romance *Le rouge et le noir* (*O vermelho e o negro*), com o subtítulo *Chronique du XIXe siècle* (*Crônica do século XIX*)

Publicado em 1830, *Le rouge et le noir* (*O vermelho e o negro*) é considerado um romance histórico e psicológico. A ação desenrola-se na França no período da Restauração, que se iniciou com a queda de Napoleão em 1814 e antes da Revolução de julho de 1830, provavelmente entre os anos de 1826 e 1830. Com relação ao psicologismo, Stendhal inaugura um novo tipo de romance, em que a personagem vai se constituindo por rápidas pinceladas, anotações, *flashes*, que vão revelando sua complexidade interior.

O romance está dividido em duas partes. A primeira parte apresenta Julien Sorel vivendo na pequena cidade Verrières, juntamente com seu pai e seus irmãos. Era um jovem de 18 ou 19 anos, de porte esbelto e elegante, de aparência frágil, que preferia passar o tempo lendo, ou sonhando com a glória do exército napoleônico a trabalhar na carpintaria do pai. A segunda parte do romance narra a vida de Sorel em Paris, vivendo com a família do Marquês de La Mole. O romance tem como diferencial a presença de duas heroínas: a senhora de Rênal, com quem Sorel mantém uma relação adúltera; e a jovem Mathilde, filha do Marquês de La Mole, que acaba sendo seduzida pelo protagonista.

Julien Sorel é um jovem imprevisível, fantasioso, ambicioso, que não aceita a sua origem plebeia, que visa à ascensão social e ao reconhecimento da elite parisiense. “Não sente outra coisa senão repugnância e desprezo pela mesquinha hipocrisia e pela corrupção mentirosa das classes que dominam o país desde a queda de Napoleão” (AUERBACH, 2007, p. 407). Seu grande talento poderia assegurar-lhe uma brilhante carreira eclesiástica, mas seus sentimentos pessoais e políticos, seu envolvimento amoroso com a senhora de Rênal e seu caráter passional acabam por lhe trazer

consequências desastrosas. Graças à proteção do abade Pirard, Sorel é salvo da perseguição, sendo recomendado para trabalhar como secretário do Marquês de La Mole.

Em *O vermelho e o negro*, Stendhal constrói suas personagens com embasamento em diferentes situações, que revelam as condições econômicas do momento histórico, a situação política e a estratificação social. Se por um lado temos os padres jesuítas, vistos como inimigos do Estado, por outro, temos os jansenistas, que pretendem impor uma doutrina moral. Ou ainda, os burgueses que visam somente ao lucro e os aristocratas que se agarram tenazmente aos seus privilégios.

Do ponto de vista social, como assinala Leyla Perrone-Moisés, em seu artigo “Stendhal e a era da suspeita”, o que se lê nos romances do escritor francês,

é a situação do indivíduo imediatamente posterior à revolução: as esperanças heroicas se manifestam como ingênuas, o talento não encontra mais aplicação prática e efetiva.

A burguesia instalada no poder não corresponde às alturas do ideal revolucionário, Em *O vermelho e o negro*, o que nos apresenta é a fachada reconstruída facticiamente pelo Antigo Regime (a Restauração), enquanto quem dá as cartas é uma burguesia desprovida, ao mesmo tempo, dos encantos estéticos da aristocracia, da generosidade social que se esperava de uma classe revolucionária (1990, p. 22).

Em *O vermelho e o negro*, os caracteres e as relações entre as personagens estão estritamente vinculadas às circunstâncias históricas. As condições sociais e políticas da época perpassam a narrativa e estão enredadas nas ações. Stendhal procurou desvendar a alma humana, desnudar anseios, ambições, fugidios momentos de felicidade, sobretudo em relação a Julien Sorel. Talvez uma das grandes marcas do romance seja a percepção das personagens, seu caráter contraditório e, muitas vezes, paradoxal. O narrador ao descrever Julien revela aspectos diversos e controversos do seu caráter, que provocam reações contraditórias no leitor, como podemos observar no fragmento abaixo transcrito:

Tímido e temerário ao mesmo tempo, generoso, depois egoísta, hipócrita e cauteloso, e pouco mais adiante rompendo todas as artimanhas com imprevistos acessos de sensibilidade e de entusiasmo, ingênuo como uma criança, e ao mesmo tempo calculista como um diplomata, ele nos parece composto de disparates. Impossível deixarmos de julgar ridículo e afetado. Ele é antipático a quase todos os leitores, e com muita razão, pelo menos a primeira vista [...] Odeia aqueles com quem vive, porque são ricos e nobres.

Nas casas em que recebe hospitalidade e proteção, torna-se amante ou da mulher ou da filha, em toda parte deixa a infelicidade atrás de si e termina por alvejar a mulher que o adorava. Que monstro e que paradoxo! Isso basta para desconcertar toda gente [...] Ele tem por mola um orgulho excessivo, apaixonado, sombrio, incessantemente ferido, irritado contra os outros, implacável consigo mesmo, e uma imaginação inventiva e ardente, isto é, a faculdade de produzir, ao choque da menor circunstância em abundância e de nelas se absorver. Daí uma concentração habitual, recolhida e ocupada em interrogar-se, em examinar, em construir um modelo ideal a que ele se compara, e pelo qual se julga e se conduz. Conformar-se a esse modelo, bom ou mau, a isto é que Julien chama dever e que governa sua vida (STENDHAL 1991, p.14,15).

Talvez Julien não se enquadre no típico modelo de herói e de protagonista de romances. Seria, então, um anti-herói? Se na representação romanesca, o escritor busca

mergulhar na complexa psicologia das suas personagens e dos seus comportamentos, em relação a Julien Sorel, há em Stendhal uma intenção de representação do real que ele próprio teoriza:

um romance é um espelho que caminha sobre uma grande estrada. Ora ele reflete a nossos olhos o azul dos céus, ora a lama dos lamaçais da estrada. E o homem que carrega o espelho em sua cesta será por vós acusado de ser imortal. Seu espelho mostra a lama, e vocês acusam o espelho (STENDHAL 1991, p. 254).

Em seu percurso sinuoso, Julien tem como projeto o heroísmo, que lhe permitiria a ascensão social, pois Napoleão, seu mito secreto, não poderia mais naquele momento oferecer-lhe a glória militar. A queda de Napoleão era o fim de um sonho almejado.

Entretanto, toda ambição de heroísmo se esgota nela mesma, na medida em que o heroísmo é ação pura, tendo por objetivo a própria ação mais do que aquilo que com ela se obtém. Nenhum herói pode sobreviver e estabelecer-se como tal, após a conquista de seu objetivo, e as histórias de heroísmo só podem ter dois fins: a morte gloriosa no calor da ação ou a queda melancólica e o silêncio discreto, depois do ápice atingido.

Ora, o fim de Julien Sorel não é nem um nem outro. Julien não tem uma morte heroica, sua história não termina com a conquista do objetivo. (Perrone-Moisés, 1990, p.24)

Condenado por um crime passional, o projeto de heroísmo de Julien malogra, mas a descoberta do amor verdadeiro e da bondade com Madame de Rênal, enquanto estava na prisão, poderia figurar como um momento de iniciação do protagonista, ou seja, de descoberta da vida.

O clássico romance de Stendhal resiste, pois, no tempo e no espaço. Julien Sorel desperta nos leitores sentimentos contraditórios, afetos e repulsas, embora saibamos que como seres humanos, fomos feitos para amar, odiar, desejar, mentir, conquistar e sonhar. Ao construir a trama romanesca, Stendhal retomou ideias e valores da sociedade em que viveu, sem, contudo, confundir a obra com a realidade. Jogando, ora com a realidade, ora com a ficção, soube desvelar, de forma sutil, as verdades veladas da sociedade francesa da época da Restauração.

Bibliografia

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANDIDO, Antonio. "Beyle e a emoção". In: *Tese e Antítese*. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. "Stendhal e a era da suspeita". In: *Flores da escrivainha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

STENDHAL (pseudônimo de Marie Henri Beyle). *O vermelho e o negro*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1991.